

EUA já admitem refinanciar a dívida

Washington — O ministro Dilson Funaro afirmou ontem que o secretário do Tesouro Americano, James Baker III, lhe disse — durante um encontro reservado, na quarta-feira — que o governo americano está disposto a analisar a proposta de refinanciamento da dívida externa brasileira, contida no novo plano econômico trazido pelo ministro a Washington. A boa disposição da Casa Branca nesse sentido, segundo Funaro, foi concretizada através de uma reunião entre técnicos do Tesouro e da equipe brasileira, naquele mesmo dia, para discutir o plano. A conversa levou quase duas horas, e o próprio Funaro chegou a tomar parte dela durante alguns minutos.

Para ele, o gesto americano — surgido logo depois que o Banco Mundial também manifestou seu apoio ao programa brasileiro — tem um peso fundamental. Ele, afinal, pode influenciar o comportamento dos banqueiros privados, credores da dívida brasileira, que ontem começaram a discutir a renegociação em Nova York com o presidente do Banco Central, Francisco Gros.

— Os banqueiros seguem muito a posição dos governos — disse Funaro — eu acho que qualquer plano tem que ter o apoio dos governos, para que os banqueiros sintam confiança nele. Eu não acredito num plano aprovado pelos banqueiros e não aprovado pelos governos. Um plano tem de passar pelos dois suportes — afirmou.

A boa colhida da proposta brasileira, que também foi examinada pelo presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, deixou Funaro bastante satisfeito. Mas, prudentemente, ele tentava ontem evitar qualquer comentário mais otimista:

— É ainda muito cedo para se dizer que existe uma aceitação total, que há um sucesso, ou para fazer qualquer colocação otimista. É uma discussão que está sendo iniciada — afirmou Funaro, em entrevista coletiva na embaixada do Brasil.

Logo depois, antes de viajar para Nova York, ele comentaria que seu trabalho tem sido bastante penoso nos últimos dias. Não apenas devido às correntes de opinião contrárias à sua política, dentro do Brasil, e que dificultam a sua missão, mas também devido às pressões que recebe diariamente de pessoas que desejam um resultado imediato para a sua tese:

— Um dos problemas é que você vem aqui para discutir, para tentar “vender” a sua idéia, e o brasileiro fica lá atrás querendo saber no dia seguinte se a coisa deu certo. O brasileiro, no fundo, quer saber se eu já assinei o “papagaio”... — desabafou o ministro. — É uma velha mania que eu pretendo ver terminada no nosso país, — disse ele.

Depois de quatro dias de intensas negociações e discursos, além de constantes conversas por telefone com o presidente José Sarney — com quem falava longamente de duas a três vezes por dia — Funaro deixou Washington, ontem, no início da noite, satisfeito com o resultado de mais essa etapa.

Seu contentamento era reforçado, em parte, pela posição do governo argentino que ontem manteve o ultimato feito publicamente na quinta-feira, advertindo que poderá suspender as negociações a qualquer momento caso os bancos insistam em exigir o preenchimento de requisitos que comprometem o crescimento do país.

— O México levou dez meses para receber uma resposta dos banqueiros — lembrou Funaro, numa conversa com um grupo de jornalistas americanos, ontem a tarde, ao explicar mais uma vez porque o Brasil se nega a discutir segundo os padrões ortodoxos. — Outros credores tiveram uma resposta mais rápida, recentemente, porque o Brasil parou de pagar os juros — argumentou o ministro, insinuando que o momento é de fato oportuno, para medir forças com os credores, na tentativa de mudar a sistemática de renegociação.

Quando lhe perguntaram quando o Brasil voltaria a pagar os juros, e se esse pagamento estaria condicionado ao aumento das reservas nacionais ou a um entendimento com os banqueiros, Funaro disse que ambas as coisas se confundiam:

— O entendimento vai proporcionar que as reservas aumentem. E a partir do momento que elas aumentarem não haverá motivos para suspender os pagamentos disse ele. O que o Brasil precisa é ter um horizonte. Não podemos passar cada seis meses, ou cada ano, discutindo com os banqueiros, provocando crises. Temos que ter é um prazo para construir a nossa pátria.



Funaro explica que a posição dos EUA é importante, já que os bancos seguem a posição dos governos